



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9831 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT04 - Didática

DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA PÓS-GRADUAÇÃO: desafios da Pedagogia
Universitária

Cláudia Starling Bosco - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

Álida Angélica Alves Leal - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Ana Maria Alves Saraiva - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não

DOCÊNCIA COMPARTILHADA NA PÓS-GRADUAÇÃO: desafios da Pedagogia Universitária

Resumo: Este artigo trata-se de um recorte de pesquisa maior que visa compreender aspectos constitutivos da formação e da docência a partir da pesquisa (auto)biográfica (PASSEGGI, 2021; SOUZA, 2006). Como objetivo busca-se compreender o fazer pedagógico em um contexto de docência compartilhada entre duas professoras, tendo ambas assumido conjuntamente o exercício da docência (TRAVERSINI, 2015). As participantes ministraram a disciplina de Didática, na pós-graduação, em uma universidade federal, no formato do Ensino Remoto Emergencial (ERE). A partir da escrita de suas narrativas sobre o fazer pedagógico, as professoras socializaram suas reflexões e discutiram sobre a aula, o planejamento, a relação com os estudantes, as referências utilizadas e os obstáculos vivenciados na ação de ensinar. A análise interpretativa baseia-se em Souza (2006). As análises mostram o processo de negociações sobre o fazer docente vivenciado pelas docentes. Indicam várias tensões, como a articulação entre os conhecimentos relacionados à área de pesquisa de cada professora, a seleção dos conteúdos, o processo avaliativo, dentre outros. Também são dimensões evidenciadas nas narrativas as tensões em relação aos turnos da fala em sala de aula e a participação dos estudantes no contexto remoto. Os resultados preliminares reforçam a importância de tornar o ensino objeto de estudos e pesquisas a partir do ponto de vista do docente.

Palavras-chave: Didática; Docência Compartilhada; Pesquisa (auto)biográfica.

Introdução

Neste artigo, nos interrogamos as seguintes questões: o que é ser professora universitária? Como pensar uma prática docente universitária a partir da docência compartilhada na pós-graduação? Como efetivar a articulação do ensino, pesquisa e extensão nessa perspectiva?

Este texto é um recorte de uma pesquisa acerca dos aspectos formativos e docentes a partir da pesquisa (auto)biográfica (PASSEGGI, 2021; SOUZA, 2006). Objetiva compreender o fazer pedagógico em um contexto de docência compartilhada de duas professoras que ministraram juntas uma disciplina de Didática na pós-graduação, em uma universidade federal, ofertada no formato Ensino Remoto Emergencial (ERE).

A docência compartilhada consiste em “assumir em conjunto o exercício da docência” (TRAVERSINI, 2015, p.151). Hochnadel e Conte (2019) complementam tal definição ao indicar que tal movimento envolve, por exemplo, planejamento participativo, diálogos sobre diferentes concepções, avaliação e resolução de problemas de maneira colaborativa. As autoras apontam que tal experiência recebe mais destaque na Educação Infantil devido à legislação que rege esta modalidade de ensino, referente ao número máximo de estudantes a serem acompanhados por um/a único/a professor/a. Contudo, conforme as autoras, existem poucas referências que tratam do assunto especialmente no que tange a outros níveis de ensino, a exemplo do Ensino Superior – foco da pesquisa apresentada neste artigo.

Traversini (2015, p.158) aponta que “[...] o exercício da docência compartilhada é tarefa difícil [...] [pois] exige reinventar-se continuamente como professor”. O processo de recriar-se em um trabalho desta natureza a partir das relações estabelecidas com outro/a professor/a, conforme Hochnadel e Conte (2019, p.91), requer “uma nova postura dos professores em relação aos conhecimentos, que vai além da simples posse do saber e implica na abertura e no diálogo aprendente com o outro, na partilha, no reconhecimento e no respeito a novos e diferentes modos de ser e de atuar profissionalmente”. Compartilhar o exercício da docência, em parceria e atuação conjunta, implica na “um novo modo de ser docente”. É necessário lidar com diferentes crenças, princípios, experiências, concepções na perspectiva da busca pela construção da “*práxis docente*”. (*op.cit.*, p. 91)

Como sinaliza Franco (2009), é fundamental “refletir sobre alternativas da construção coletiva de conhecimentos” (FRANCO, 2009, p. 12), pois a ação docente é uma “uma prática social, historicamente construída” (*op.cit.*, p. 13). Neste sentido, como afirma a autora, “a prática docente universitária, que produz saberes, fundamenta-se em seu exercício enquanto *práxis*” (*op.cit.*, p. 13).

Nesse sentido, estabelecer relação entre a docência e a formação em um viés (auto)biográfico nos coloca como professoras que contam e refletem sobre o próprio fazer pedagógico, em um processo de biografização. A opção pelo uso de narrativas autobiográficas como estratégia de pesquisa em educação vincula-se aos estudos que enfatizam a importância de reconhecer o outro em sua singularidade, seus desejos, expectativas e conflitos. É um convite a partilhar e viver junto as experiências narradas. Segundo Domingo (2015, p.46), “aproximarse narrativamente a la educación significa mirar y pensar la enseñanza como vida que se vive, como vidas que se cruzan y se viven, y no tanto, o no solo como planes os programas que se aplicam.”^[1]

Neste artigo, privilegiamos a discussão sobre os aspectos relacionados a gestão da classe e a gestão da matéria (GAUTHIER, 2014) de duas professoras que atuaram em uma disciplina de Didática na pós-graduação, em uma universidade federal, no formato Ensino Remoto Emergencial devido à pandemia de COVID-19.

Como desenho metodológico sustentado pelos estudos da pesquisa (auto)biográfica, as

professoras escrevem suas narrativas sobre o fazer pedagógico e socializam entre si suas reflexões sobre a aula, o planejamento, a relação com os estudantes, as referências utilizadas e os obstáculos vivenciados na ação de ensinar.

As docentes trabalham na pós-graduação em uma linha de Didática, têm aproximadamente 50 anos de idade, cerca de 05 anos de inserção na universidade e 20 anos de experiência na Educação Básica. A professora Eduarda é graduada em Pedagogia e a Professora Sofia é Licenciada em Educação Física. Apesar de terem pesquisas em comum no campo da Didática, elas têm trajetórias de pesquisa com focos diferentes, mas que se inter cruzam: políticas públicas e prática pedagógica na sala de aula. As experiências com metodologias de pesquisa também se diferem, Eduarda desenvolve pesquisas voltadas ao trabalho com narrativas e Sofia no campo das políticas educacionais.

Após a escrita das narrativas, as professoras socializaram e refletiram sobre seus escritos, geralmente após as aulas, tratando de compreender as expectativas, as tensões e as possibilidades do trabalho colaborativo, ainda mais considerando o contexto da Pandemia.

A análise interpretativa está baseada nos estudos de Souza (2006), que considera “o tempo de lembrar, narrar e refletir sobre o vivido” (p. 79) e, a partir daí, desenvolve a análise em três tempos, quais sejam: o Tempo I, considerado como a Pré-análise, que equivale a uma leitura cruzada; o Tempo II, da Leitura temática, evidenciando unidades de análise descritivas; e o Tempo III, da Leitura interpretativa compreensiva.

A seguir, apresentamos um trecho da narrativa de uma das professoras:

Estou iniciando mais uma disciplina Didática na pós. Pela primeira vez com você. Gosto de trabalhar junto, nos damos bem e fazemos boas negociações. Fico só preocupada com a organização do planejamento e das atividades. Meu receio é a gente não criar um clima de confiança com os estudantes, tipo eu uma falar uma coisa e você outra (...) e os estudantes perceberem que não há um direcionamento. Uma forma que acho que tem dado certo é trocar as ações, (...) sempre postando no *WhatsApp* o que será postado (...)

Na primeira aula, senti que falei demais e isso me incomodou... não sei como podemos fazer isso juntas!

A discussão dos textos tem sido legal, mas percebo que os estudantes não estão lendo. Às vezes, ao falarem dos textos, citam casos, alguns não ligam a câmera. Sei que estamos em plena pandemia e isso me assusta. Como dar aulas diante de tantas questões vivenciadas pelos estudantes e por nós? (Professora Eduarda, 2021)

O excerto, como outras narrativas produzidas pelas participantes da pesquisa, indicam várias tensões, como a articulação entre os conhecimentos relacionados à área de pesquisa de cada professora, o que privilegiar nos encontros com os estudantes, o processo avaliativo. Também são dimensões evidenciadas nas narrativas as tensões em relação aos turnos da fala em sala de aula, estabelecendo demarcações em que se trabalha junto, porém, com a preocupação de preservar a autonomia docente de cada uma durante o ensino.

Ao discutirem sobre esta narrativa, novas ações na sala de aula foram implementadas pelas docentes, como a demarcação dos turnos da fala, alternando nas aulas quem iria conduzir de forma mais pontual. Neste sentido, conforme sinalizam os estudos de Passeggi

(2021, p.02), “nesse ato de linguagem, a pessoa que narra reconstitui uma versão de si ao repensar suas relações com o outro e com o mundo da vida”. Isto demonstra que ao refletir coletivamente sobre a docência, as professoras alteraram a forma de gestão da classe e da matéria (GAUTHIER, 2014), criando novas estratégias de organização do ensino.

A este respeito, os estudos de Franco (2009, p.13) mostram que “a prática docente universitária, que produz saberes, fundamenta-se em seu exercício enquanto práxis”. Podemos perceber evidências de um desenvolvimento profissional na medida em que os “os professores que refletem na, sobre a acerca da ação empenham-se numa investigação com vista não só a uma melhor compreensão de si próprios enquanto professores, mas também tendo em vista a melhoria do seu ensino.” (DAY, 2001, p.48).

As análises mostram o processo de negociações sobre o fazer docente vivenciado pelas docentes. Os resultados preliminares reforçam a importância de tornar o ensino objeto de estudos e pesquisas a partir do ponto de vista dos professores, em um processo de reflexão sobre a ação de ensinar. Este processo de reelaboração dos saberes é um elemento potente para mudanças de paradigmas docentes ligados a instrumentalização e mecanização do ensino. É urgente e necessário construir um fazer pedagógico que possa romper com “com práticas educativas transmissivas dos conteúdos, o qual se contrapõe aos impactos dos novos eventos da sociedade do conhecimento, dilemas com relação às diversas e novas demandas apresentadas pelos discentes no contexto universitário” (MELO e PIMENTA, 2019, p.73), principalmente diante de um contexto tão atual de ataque à Ciência e à Educação.

Entendemos que a docência compartilhada proporciona, tal como Hochnadel e Conte (2019, p.96) também identificaram em sua pesquisa, “o aprimoramento e o compartilhamento das relações pedagógicas, norteando diferentes anseios, incompletudes, inseguranças, fragilidades e dificuldades, que são superadas”. Ademais, a aprendizagem em comum da docência “facilita a consolidação de dispositivos de colaboração profissional e a concepção de espaços coletivos de trabalho” (*op.cit.*, p. 96) no sentido de constituição de um instrumento fecundo de formação. O contexto da pandemia, com a necessidade do distanciamento social, demanda práticas e fazeres que aproximem os docentes, possibilitando que estabeleçam relações interdisciplinares e transdisciplinares como resistência, como reinvenção, como prática solidária e estratégia de superação dos desafios por elas e eles enfrentados.

Referências

DAY, Christopher. Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente, Portugal: Porto Editora LTDA, 2001.

DOMINGO, José Contreas. Profundizar narrativamente la educación. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). (Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, p. 37 – 61, 2015.

FRANCO, M. A. S. Prática docente universitária e a construção coletiva de conhecimentos: possibilidades de transformações no processo ensino-aprendizagem. *Cadernos de Pedagogia Universitária*, São Paulo, Edusp, 2009.

GAUTHIER, C. et al. Por uma teoria da pedagogia: pesquisas sobre o saber docente. Unijuí: Ed. Unijuí, 2014.

HOCHNANDEL, S. B.; CONTE, E. Docência compartilhada: possibilidade de inovação e ressignificação da atuação profissional? In: CASAGRANDE, C.; JUNG, H.S.; FOSSARDI, P. Pedagogia, epistemologia e prática docente: desafios e práticas docentes na contemporaneidade - as séries iniciais em foco. Canoas, RS: Editora Unilasalle, 2019. pp.84-98

MELO, G. F.; PIMENTA, S. G. Socialização profissional de docentes na universidade: contribuições teóricas para o debate. *Revista Linhas*, 20(43), p. 51- 77, 2019.

PASSEGGI, M. C. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. *Práxis educacional* (ONLINE), v. 17, p. 1-21, 2021.

SOUZA, E. C. O Conhecimento de si: estágio e narrativa de formação e professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

TRAVERSINI, C. S. Inclusão Escolar e Docência Compartilhada: Reinventando Modos de Ser Professor. In: BAPTISTA, C. R. (org.). Escolarização e deficiência: configurações nas políticas de inclusão escolar. São Carlos: *Marquezine e Maanzini/ ABPEE*, 2015. p. 147-164.

[1] “aproximar-se narrativamente da educação significa olhar e pensar o ensino como vida que se vive, como vidas que se cruzam e se vivem, e não tanto, ou não apenas como planos ou programas que se aplicam” (Tradução livre).